Capítulo XVI — Esperança do bom Ladrão

> **Sumário.** Esperança do bom Ladrão, não menos magnífica que a sua fé. — O homem, construção de Deus. — Três partes do edifício. Seu encadeamento: ensino de santo Tomás. — Firmeza da esperança do bom Ladrão: palavras de são Bernardo. — Vivacidade e heroísmo. — A esperança de Dimas comparada à de Madalena. Testemunho.

A segunda virtude que brilha no bom Ladrão é a esperança. Resplandece com magnificência igual à da fé. Segundo são Paulo, o homem é uma construção feita pela própria mão de Deus: *«sois edificio de Deos»*. O grande arquiteto conhece as regras da arte. Começa por assentar os alicerces; sobre os alicerces ergue as paredes; e sobre as paredes põe o coroamento do edifício.

Ora, na construção do cristão, as bases, as paredes, o coroamento são a Fé, a Esperança e a Caridade.

> *A casa de Deus — diz santo Agostinho — repousa sobre a Fé; ergue-se pela Esperança; completa-se pela Caridade.*[1]

São Bernardo acrescenta:

> *É com razão que o Apóstolo define a Fé: a base da esperança; pois querer esperar sem crer é querer pintar no vazio. Assim, a Fé diz: Deus prepara a seus fiéis bens imensos e incompreensíveis. A Esperança diz: Estão-me reservados. A Caridade diz: Corro a tomar posse deles.*[2]

Com a sua lucidez ordinária, santo Tomás mostra o encadeamento necessário dessas três virtudes e o fim para o qual nos conduzem.

>

> *A Fé, a Esperança e a Caridade — diz o grande Doutor — são três elementos sobreacrescentados à natureza do homem, pela graça do Redentor, e que o elevam como por três degraus à união deífica, tornando-o, segundo a palavra de são Pedro, participante da natureza divina. A fé eleva o entendimento; enriquece-o de certas verdades sobrenaturais que a luz divina lhe faz conhecer. A esperança eleva a vontade; dirige-a para a posse do bem sobrenatural que nos é prometido. A caridade eleva o amor; faz tendê-lo à união com o bem sobrenatural, tornado seu objeto.*[3]

Essa magnífica construção não é obra de um dia. Ordinariamente dura o tempo da vida. Por privilégio excepcional, no bom Ladrão foi instantânea. Num piscar de olhos, a sua esperança tornou-se perfeita como a sua fé. A esperança é perfeita quando é firme, viva, heroica. Tal foi a de Dimas.

Uma esperança firme é uma esperança que nada abala, intimida ou faz hesitar: nem a enormidade ou o número dos pecados cometidos, nem a grandeza da graça esperada, nem a dignidade do ofendido, nem a indignidade do ofensor. Uma esperança que tem réplicas vitoriosas a todas as recusas aparentes; uma esperança que põe de certo modo o próprio Deus fora de estado de responder, dizendo-lhe com Jó: *«Ainda quando elle me matasse, nelle esperarei»*; ou com a cananeia que, comparada aos cães por Nosso Senhor, lhe diz: Seja, ponde-me no número dos cães; nessa abjeta condição ainda esperarei:

> *porque tambem os cachorrinhos comem das migalhas que cahem da meza de seus donos.*

Voltemos agora os olhos para o bom Ladrão. Confessou-se culpado, e culpado de toda uma vida de iniquidades contra Deus e contra os homens; iniquidades tais que, por sua própria confissão, o mais cruel, o mais vergonhoso de todos os suplícios é o justo castigo delas: *Nos quidem juste*. Do fundo desse abismo, vede jorrar a esperança. São Paulo compara a esperança à âncora que retém em sua base o navio batido pela tempestade e o impede de naufragar: *«huma ancora segura, e firme da alma»*.

Com todas as forças de sua fé, Dimas toma essa âncora e a lança sobre o fundo sólido da onipotência e da infinita misericórdia do Deus moribundo a seu lado.[4]

Desde esse momento, nada mais de incertezas, nada mais de temores, nada mais de dúvidas em sua alma. Com tranquilidade imperturbável, espera o que pediu. E que pediu? Pediu o que tantos santos compram por toda uma vida de austeridades e combates; pediu tudo o que Deus tem de melhor, tudo o que reserva a seus íntimos amigos: pediu o céu, isto é, a posse eterna do próprio Deus com todas as suas felicidades. *«Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino»*, diz ao Salvador. Que essa palavra signifique: Dai-me o céu, a prova está na resposta do Senhor: *«Em verdade te digo: Que hoje serás comigo no paraíso.»*

E é Dimas quem pede o céu, nem mais nem menos, Dimas, o velho ladrão, e o pede com essa mesma boca ainda toda maculada de blasfêmias! Que confiança, para não dizer que santo desplante! *quanta latronis fiducia*![5] E, o que transtorna a razão, obtém o que pede: obtém-no no mesmo instante.

Ó meu Deus! como os vossos pensamentos estão acima dos nossos pensamentos! Que é, pois, a confiança em vós? E de onde lhe vem esse poder vitorioso?

Nas circunstâncias difíceis, a confiança é a homenagem mais agradável a Deus que uma frágil criatura possa render-lhe. Por ela, confessa e glorifica o seu poder infinito, a sua sabedoria infinita, a sua bondade infinita. Quanto mais premente a necessidade, quanto maior a indignidade, tanto mais essa homenagem se torna sublime e adquire força sobre o coração de Deus.

Antes do bom Ladrão, Davi deixou um ilustre exemplo. Culpado de grandes crimes, vem pedir perdão a Deus. A que título?

> *Por amor do teu nome, Senhor, me has de perdoar o meu peccado: porque he grande.*[6]

Perdoar uma bagatela, ou mesmo pecados ordinários, não é nada para vós, que sois a misericórdia infinita; mas perdoar crimes enormes, eis o que manifesta a vossa bondade e vos faz glorificar como mereceis, pelos homens e pelos anjos.

Quanto é firme, tanto é viva a esperança de Dimas. Uma esperança viva é a que possui todos os órgãos da vida e faz uso deles. Com os olhos que a fé lhe dá, vê, além do estreito horizonte do tempo, os bens imensos que Deus lhe preparou. Tem uma língua, e é para falar desses bens futuros; um coração, e é para desejá-los; pés e mãos, e é para agir a fim de adquiri-los. Tendo por objeto o próprio Deus com todas as suas riquezas, de tudo o que não é Deus faz estrume: *«o avalio por esterco»*. Obstáculo, quebra-o; meio, serve-se dele.

Semelhante à ave que fende o ar e que nem a chuva, nem a neve, nem o calor, nem o frio, nem as nuvens, nem os ventos contrários detêm em seu voo rápido, a esperança atravessa, sem se deter, as coisas do tempo; e, o olho sempre fixo no alvo, tende com toda a sua energia para as regiões da eternidade. Que dizer mais para pintar a esperança na atividade de sua vida?

Semelhante aos rios que correm ao oceano, apesar da longura das distâncias, apesar dos rochedos ou das areias que atulham o seu leito, apesar dos próprios diques que a mão do homem opõe à sua impetuosidade, a esperança corre a Deus, quaisquer que sejam os obstáculos. Belezas da natureza, riquezas, honras, prazeres, negócios, viagens, juventude, velhice, saúde, doença, pobreza, louvores, perseguição, trabalho, repouso, vicissitudes de todo gênero: nada a detém.

Quando a esperança possui no grau supremo essas duas qualidades, a firmeza e a vivacidade, é heroica. Tal foi a esperança do bom Ladrão. Pede a Nosso Senhor o seu mais rico tesouro, o Paraíso; não lhe pede nem descer da cruz, nem ser devolvido à liberdade e à vida. Para isso só diz

uma palavra: *Memento*, lembrai-vos de mim. Di-la sem hesitação; e sobre essa única palavra, como sobre um doce travesseiro, repousa tranquilo, tanto conta com a bondade daquele a quem se dirige. Dir-se-ia que já sabia a oração que a Igreja oferece hoje a seu divino Esposo:

> *Ó Deus! que ides além dos desejos e das preces dos que vos invocam: Qui preces supplicum excedis et vota.*

Menos firme e menos viva nos aparece a confiança de Maria Madalena e de são Pedro. Acabrunhada de vergonha e devorada de remorsos, a princesa de Mágdalo decide-se a vir pedir o seu perdão. Entre o temor e a esperança, introduz-se na sala do banquete. Não ousa falar a Nosso Senhor nem apresentar-se diante dele; fica atrás; e, como para ganhar-lhe o coração, derrama-lhe sobre a cabeça um vaso de perfume; depois prostra-se a seus pés, rega-os com suas lágrimas e os enxuga com os cabelos.

Depois de sua queda, o Príncipe dos apóstolos não tem coragem de ir lançar-se aos pés de seu bom Mestre; mas afasta-se do teatro de sua falta e vai esconder as suas lágrimas, preço necessário de seu perdão. Se a confiança de são Pedro tivesse chegado, como a de Dimas, ao grau supremo do heroísmo, o filho da Pomba teria voltado no mesmo instante para o meio dos criados do sumo sacerdote e teria confessado o seu divino Mestre, certo de ter os socorros necessários para sofrer as zombarias e os maus-tratos a que o poderia expor o seu heroico passo.

Outra é a conduta do bom Ladrão. Não desvia os olhos de Nosso Senhor, não balbucia, não se deixa embaraçar pelo temor e em nada diminui a grandeza de seu pedido. Animado pela esperança, faz o que são Pedro não ousara fazer.[7] Tem a coragem de proclamar Nosso Senhor inocente, digno do trono e injustamente condenado à morte. Nesses traços reconhece-se o heroísmo da confiança.

Um piedoso autor tem, pois, razão de exclamar:

> *Em quão pouco tempo tornou-se, de inimigo, amigo; de desconhecido, familiar; de estrangeiro, próximo; de ladrão, confessor. Oh! quão grande é a confiança desse ladrão! Aos olhos de sua própria consciência, culpado de todo mal, alheio a todo bem, violador de todas as leis, raptor da vida e do bem alheios, posto às portas da morte, sem esperança na vida presente, concebe a esperança de obter a vida futura, que tantas vezes desmereceu e jamais mereceu, e não receia pedi-la. Quem desesperará, esperando o ladrão?*[8]

Notas

[1] *Domus Dei credendo fundatur, sperando erigitur, diligendo perficitur.* («A casa de Deus funda-se crendo, ergue-se esperando, aperfeiçoa-se amando.») Serm. XXXVII.

[2] *Merito Apostolus fidem sperandarum substantiam rerum esse definit, quod videlicet non credita nemo sperare plusquam super inane pingere possit. Dicit ergo fides: Parata sunt magna et inexcogitabilia bona a Deo fidelibus suis. Dicit spes: Mihi illa servantur. Nam tertia quidem charitas: Curro, mihi ait, ad illa.* («Com razão o Apóstolo define a fé como substância das coisas que se devem esperar, a saber, porque ninguém poderia esperar o que não crê, mais do que pintar sobre o vazio. Diz, pois, a fé: Foram preparados por Deus, para os seus fiéis, bens grandes e inimagináveis. Diz a esperança: Esses bens estão guardados para mim. E a terceira, a caridade: Corro, diz-me ela, a esses bens.») Serm. I, *in Ps.* XC.

[3] *Quantum ad intellectum adduntur homini quædam principia supernaturalia, quæ divino lumine capiuntur: et hæc sunt credibilia, de quibus est Fides. Secundo vero est voluntas, quæ ordinatur in illum finem et quantum ad motum intentionis in ipsum tendentem, sicut id quod est possibile consequi, quod pertinet ad Spem, et quantum ad unionem quamdam spiritualem, per quam quodammodo transformatur in illum finem, quod fit per Charitatem.* («Quanto ao intelecto, são acrescentados ao homem certos princípios sobrenaturais, que se captam com a luz divina: e estes são os credíveis, de que trata a Fé. Em segundo lugar, está a vontade, que se ordena àquele fim, quanto ao movimento de intenção que tende para ele, como a algo possível de alcançar, o que pertence à Esperança, e quanto a certa união espiritual, pela qual de algum modo se transforma naquele fim, o que se faz pela Caridade.») I-II, q. 62, art. 1, no corpo e ad 3.

[4] Hb 6, 19.

[5] S. Bernardo, *De Pass. Dom.*, cap. IX. («Quanta a confiança do ladrão.»)

[6] Sl 24, 11.

[7] Orília, p. 165.

[8] *Quam subito ex hoste factus est amicus; ex alieno familiaris; de extraneo proximus, de latrone confessor! O quanta latronis fiducia! omnis mali, nullius boni conscius sibi, transgressor legis, vitæ simul et substantiæ raptor alienæ, positus in januis mortis, in fine vitæ, desperatus de præsenti vita, spem vitæ futuræ, quam toties demeruerat, et nunquam meruerat, concipere eam et requirere non reformidat. Quis hic desperet, latrone sperante?* («Quão de súbito, de inimigo foi feito amigo; de alheio, familiar; de estranho, próximo; de ladrão, confessor! Oh, quanta a confiança do ladrão! Consciente de todo mal e de nenhum bem, transgressor da lei, raptor, ao mesmo tempo, da vida e dos bens alheios, posto às portas da morte, no fim da vida, desesperado da vida presente, não teme conceber e pedir a esperança da vida futura, que tantas vezes desmereceu e nunca mereceu. Quem aqui desesperaria, esperando o ladrão?») *Vitis mystica, seu de Pass. Dom.*, cap. IX, entre as *Opp. S. Bern.*, t. V, p. 891, edição Gaume.

Revision #1
Created 25 November 2026 00:40:08 by Admin
Updated 25 November 2026 00:40:08 by Admin